

---

## **Jornal Nacional antes das eleições 2018: análise da última semana antes do primeiro turno<sup>1</sup>**

Ricardo Matos de Araujo RIOS<sup>2</sup>

Vitor Pereira de ALMEIDA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

Este trabalho tem como proposta a realização de uma pesquisa exploratória inicial do Jornal Nacional, principal telejornal brasileiro, antes das eleições de 2018 a fim de verificar critérios de Pluralidade nas edições veiculadas na semana de 01º de outubro de 2018 a 05 de outubro de 2018; exibidas imediatamente antes do primeiro turno das eleições brasileiras de 2018. Para tornar possível a análise, aplicamos a metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual (2016), desenvolvida por Coutinho. Pode-se afirmar que o Jornal Nacional tem edições com pouca representação, sem fontes cidadãs; poucos setores sociais são representados além de pouca pluralidade de sotaques.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal Nacional; Rede Globo; Eleições 2018; Análise da materialidade audiovisual.

### **Introdução: a importância da TV no contexto brasileiro**

O Brasil é um país com proporções continentais, o que por si só dificulta análises e torna mais trabalhoso uma comunicação plural visto que não existe acessibilidade aos veículos que produzem material audiovisual em todos os rincões do país; a produção audiovisual se encontra concentrada no eixo sudeste-sul. E isso influencia diretamente nas eleições nacionais; ainda mais quando a mídia se torna o palco central dos embates político-eleitorais.

A televisão, principal foco da pesquisa, e o rádio chegam a mais de 90% das residências do país e sete famílias dominam esses veículos de comunicação. Dada a concentração do setor de mídia, os grupos detentores acabam exercendo influência nas políticas destinadas à comunicação. Ao se tratar da televisão em específico, os moldes

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Professor do curso de Publicidade e Propaganda da Unipac. Twitter: @ProfessorRios. E-mail: ricmrios@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). E-mail: [vitoralmeida\\_cefet@hotmail.com](mailto:vitoralmeida_cefet@hotmail.com).

americanos de concessão foram seguidos na implantação da televisão brasileira, o que acabou por consolidar a exploração das concessões de radiodifusão por parte do Estado a grupos privados; criando o oligopólio de mídia atual. Assim, os grupos televisivos tiveram uma facilitação para concentrar grande e forte influência política, econômica e social. Durante décadas, se perpetuou no país um sistema inteiramente comercial.

A televisão constitui um dos mais importantes veículos de comunicação de massas no Brasil, informação e entretenimento; mesmo com o acesso à internet se popularizando cada vez mais. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística revelam que 97,2% dos brasileiros tem um aparelho de televisão no lar (IBGE, 2015). Ainda, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, 89% das pessoas utilizam a televisão como fonte de informação; 77% veem televisão 7 dias por semana em uma média de 3 horas e meia diárias (Pesquisa Brasileira de Mídia, 2016). Esses dados demonstram a importância e a influência do veículo de comunicação “televisão” na vida cotidiana dos brasileiros e seu poder em informar e entreter; ainda, seu potencial como agente formador de opinião. Apenas 2,8% dos brasileiros não tem um aparelho televisor em casa. A cultura de ver TV e o nascimento da televisão no Brasil de forma comercial criaram condições para que, hoje, a TV seja hegemônica como meio de comunicação de massas no Brasil. O canal mais visto pelos brasileiros, em se tratando de TV aberta, é a Rede Globo.

Além de criar o Padrão Globo de Qualidade e ter seu modelo de grade adotado pelos outros canais, a Rede Globo é, também, a emissora mais acessível em todo o Brasil. Hoje, segundo a própria Rede Globo, o sinal da TV Globo atinge quase 100% do território brasileiro. Outro fator que ressalta sua hegemonia no cenário nacional.

A TV Globo alcança atualmente 99,47% dos telespectadores potenciais, praticamente toda a população brasileira. Ostenta uma grande capacidade de segmentação, graças à sua rede de afiliadas. Anunciantes de todos os tipos, tamanhos e ambições têm espaço em nossas 121 emissoras, 116 delas afiliadas, que levam a programação a 98,53% dos municípios e a mais de 183 milhões de brasileiros. São 29 grupos de comunicação e 9.600 profissionais estampando a diversidade brasileira por dezenas de sucursais e micro-sucursais. As afiliadas podem usar até 13 horas semanais para levar notícia e entretenimento ao público de sua localidade. A maior produção é a jornalística, com um pouco mais de 58 mil horas por ano (média de 4.856 horas por mês), mas há cerca de outros 90 programas locais, em 12 gêneros diferentes (entrevista, culinário, educativo, rural, saúde, show, esporte e turismo), somando mais de 17 mil horas de exibição. São cerca de 600 equipes de reportagem nas emissoras. É a maior equipe de jornalistas do país, com mais de 3.000 profissionais, que levam ao ar a grande notícia: o Brasil (Site da Rede Globo, 2018).

Em 2020, devido à pandemia causada pelo SARS-CoV-2 e as medidas sanitárias e de saúde tomadas para sua contenção, a Rede Globo optou por reprisar, pela primeira vez no período democrático<sup>4</sup>, telenovelas nos seus horários nobres de programação (18h, 19h e 21h). O destaque fica para *Fina Estampa* e *A Força do Querer*, que foram reprisadas no horário nobre das 21 horas. Entretanto, o jornalismo manteve-se inédito e ao vivo, seguindo o decreto que tratou a área como serviço essencial durante a pandemia.

### **O Jornal Nacional: principal telejornal do país**

O Jornal Nacional é o principal telejornal da Rede Globo e o mais antigo telejornal ainda em circulação na TV brasileira. É líder de audiência entre os telejornais na TV aberta e hegemônico na área<sup>5</sup>. O JN é exibido desde 1º de setembro de 1969 e foi o primeiro programa gerado em rede nacional. Ele é o principal responsável pelo conteúdo telejornalístico da TV Globo.

Na década de 1970, o Jornal Nacional começou a dar destaque à cobertura internacional. Em 1977, Glória Maria se torna a primeira repórter a entrar no ar ao vivo. Nos anos 90, a emissora preza pela cobertura intensa, como nos episódios da Favela Naval, a entrevista com PC Farias, o escândalo dos precatórios e outros. Em 1991, pela primeira vez foi transmitida uma guerra (Memória Globo, 2013).

Algumas polêmicas ocorreram ao longo da existência do telejornal. A mais conhecida delas foi durante as eleições de 1989, onde o Jornal Nacional editou o debate no segundo turno de Lula x Collor de forma a, aparentemente, favorecer o último. A emissora fez uma retratação anos depois.

Os responsáveis pela edição do Jornal Nacional afirmaram, tempos depois, que usaram o mesmo critério de edição de uma partida de futebol, na qual são selecionados os melhores momentos de cada time. Segundo eles, o objetivo era que ficasse claro que Collor tinha sido o vencedor do debate, pois Lula realmente havia se saído mal (Memória Globo, 2013).

---

<sup>4</sup> Em 1975, a primeira versão de Roque Santeiro, que seria exibida às 20h, foi censurada na íntegra pela Ditadura Militar. Em seu lugar, foi exibido um compacto especial de Selva de Pedra.

<sup>5</sup> Segundo informações do Portal de Notícias RD1, vinculado à empresa brasileira de internet “Terra”, pertencente ao grupo espanhol Telefónica, o Jornal Nacional atingiu 27,2 pontos de audiência em 01/01/2019. Disponível em <https://rd1.com.br/boicotada-por-fas-de-bolsonaro-globo-lidera-audiencia-com-posse-do-presidente/>.

<sup>6</sup> A audiência do telejornal aumentou ainda mais na pandemia provocada pelo novo corona vírus. Ver mais em <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2020/03/21/com-jornalismo-globo-dispara-no-ibope-e-abre-ainda-mais-vantagem.htm>

Houve danos à reputação do telejornal, apesar de mantidos os altos níveis de audiência. Hoje, a emissora não edita debates.

Por isso, hoje, a emissora adota como norma não editar debates políticos; eles devem ser vistos na íntegra e ao vivo. Concluiu-se que um debate não pode ser tratado como uma partida de futebol, pois, no confronto de ideias, não há elementos objetivos comparáveis àqueles que, num jogo, permitem apontar um vencedor. Ao condensá-los, necessariamente bons e maus momentos dos candidatos ficarão fora, segundo a escolha de um editor ou um grupo de editores, e sempre haverá a possibilidade de um dos candidatos questionar a escolha dos trechos e se sentir prejudicado (Memória Globo, 2013).

O Jornal Nacional, pelo êxito de audiência, se tornou um padrão jornalístico a ser seguido pelas outras emissoras. Desde 1996, é apresentado por William Bonner, que atualmente é o editor chefe. Ele afirma em várias entrevistas que o Jornal Nacional apresenta “o que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo”. Suas duplas de bancada, que já foram Lillian Witte Fibe, Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e Renata Vasconcellos, à exceção da primeira também ocuparam o cargo de editora-executiva. Porém, Coutinho (2009) destaca que

No caso das edições do Jornal Nacional as imagens dos acontecimentos, tal como veiculadas, parecem ser apresentadas no discurso dos apresentadores-editores sobretudo como mediadoras dos fatos, com a construção de uma representação do real pela semelhança (Coutinho, 2009, p. 69).

Além dos apresentadores oficiais existem os apresentadores eventuais, como Heraldo Pereira, Sandra Annenberg, Monalisa Perroni e outros. A previsão do tempo, de 2015 a 2019, foi feita por Maju Coutinho. Chico Pinheiro saiu do rodízio de apresentadores eventuais do Jornal Nacional em dezembro de 2018. Em 18 de janeiro de 2019, Chico Pinheiro, denunciou via rede social Twitter<sup>7</sup>, um perfil que ameaçava enforcar “ele e sua trupe”.

Em 2017, após muitos anos no mezanino da redação da Globo no Rio de Janeiro, o JN passou a ser apresentado dentro de uma nova newsroom construída especialmente para o telejornal e o G1 (Portal de notícias).

O Jornal Nacional tem um padrão desde sua criação: em uma bancada dois jornalistas sentados apresentam as notícias. Esse padrão também é seguido pelas outras emissoras, quando se trata de um telejornal voltado ao horário nobre. Recentemente,

<sup>7</sup> Para mais informações ver <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2019/01/chico-pinheiro-denuncia-perfil-em-rede-social-que-falava-em-enforcar-ele-e-sua-trupe-aporado.shtml>.

têm existido algumas inserções dos apresentadores em pé. Ainda que poucas, essas inserções demonstram a tendência de maior informalidade que começou nos telejornais locais.

### **Análise da materialidade audiovisual do Jornal Nacional**

Para a análise pretendida, utilizou-se a Metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual. Este é um método de pesquisa desenvolvido pela Professora Iluska Coutinho que tem como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição e que visa decompor o objeto em eixos de análises e itens de avaliação levando em conta as questões centrais da pesquisa. Além disso, a análise ainda considera relevantes os elementos paratextuais (material que acompanha o texto e contribui para seu entendimento). Desse modo, é possível examinar referencialmente todo o conteúdo dos objetos. No eixo analisado, que trata da pluralidade, são consideradas as participações e seu grau de representatividade e pluralismo. Entende-se pluralidade no jornalismo quando o mesmo é múltiplo, diverso, dá voz a diversos setores sociais e apresenta e representa vários setores sociais.

Há telejornalismo de qualidade quando uma cobertura jornalística do Brasil e do Mundo representa a pluralidade de interpretações e a diversidade de temas e atores sociais, quando imaginamos que existem novas elaborações e outros modos de construir sentidos sobre o mundo cotidiano na tela da TV (Becker, 2006, p. 63).

São analisados os setores sociais representados; as temáticas de cada matéria; quais são os partidos políticos citados; se há presença do governo (e de que forma ele eventualmente é tratado); quais são as perspectivas de mundo enunciadas; se existem elementos regionais fora do eixo padrão (sul e sudeste) e se há presença de sotaques.

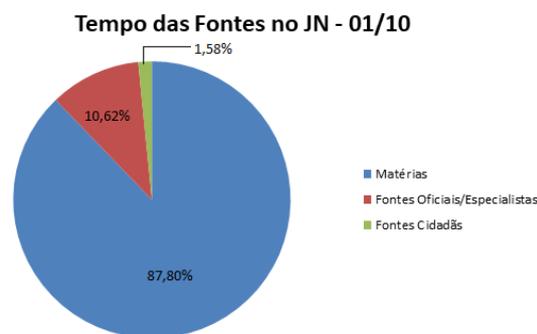
#### **Edição de 01/10/2018**

Percebe-se que não são muitos os setores sociais representados; não há presença de cidadãos, exceto em uma matéria. As fontes que tem direito à voz são os especialistas. A temática foi diversificada, com enfoque especial nas eleições. Partidos políticos são mencionados diretamente nessa edição nas matérias referentes à intenção de votos ao cargo de presidente da república, agenda dos candidatos e Delação do ex-ministro Antônio Palocci. A presença do governo atual não é explicitada diretamente. Elementos regionais e presença de sotaque, que deveriam ser prezados no

telejornalismo, não estão presentes. Na maioria dos casos a contextualização dos fatos não é dada. Na edição analisada, percebe-se um enquadramento pouco plural, o conteúdo apresentado parece ser feito para os que já entendem do assunto: os gráficos iniciais com relação à intenção de votos deveriam ser mais explicados para o cidadão comum. A agenda dos candidatos serve unicamente para demonstrar o que os mesmos fizeram; não há aprofundamento. Percebe-se o enquadramento da corrida de cavalos – situação em que o telejornal mostra a evolução da campanha dos candidatos como uma corrida<sup>8</sup>. Citam-se possíveis medidas que impactariam diretamente na vida do cidadão e essas medidas não são explicadas de forma alguma. É uma informação rasa que não serve para informar, de fato.

Percebe-se que, de 40 minutos, 4 minutos e 8 segundos são de entrevistas. Desse tempo, 38 segundos são destinados à fontes não oficiais/ não especialistas aqui tratadas como fontes cidadãs; e 4 minutos e 25 segundos são destinados à fontes especialistas/oficiais. O gráfico 1 abaixo demonstra as porcentagens de participação das fontes.

**Gráfico 1 – Tempo das fontes no JN – 01/10**



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A matéria sobre o começo do funcionamento em Brasília do Centro Integrado de Comando e Controle das Eleições apenas relata o que ocorreu sem nenhuma inserção do cidadão e nem aprofundamento. O seminário que comemora os 30 anos da Constituição Federal e 15 anos do Prêmio Innovare é pouco aproveitado no sentido de informar ao cidadão o que é o prêmio, quem pode ganhar e, também, sobre a Constituição Federal; na comemoração de seus 30 anos não explicam sequer o que é a Constituição. O Prêmio Nobel da Medicina apesar do curto tempo cumpre o que promete: informa ao cidadão

<sup>8</sup> Para mais informações ver artigo de Danilo Rothberg em que o mesmo qualifica a expressão “corrida de cavalos” [http://sbpjour.org.br/admjor/arquivos/coordenada\\_5\\_.danilo\\_rothberg.pdf](http://sbpjour.org.br/admjor/arquivos/coordenada_5_.danilo_rothberg.pdf).

quem ganhou, o que é o prêmio e sua importância. A notícia sobre o Ministério da Saúde divulgar dados sobre o envelhecimento da população brasileira no Dia Internacional do Idoso é pouco aproveitada. Não se discute nem o Dia Internacional do Idoso e nem dados sobre o envelhecimento da população brasileira; falta aprofundamento. A matéria ressaltando os cinco principais desejos dos brasileiros na série “O Brasil que eu quero” que traz o enfoque na saúde demonstra aprofundamento; informa o cidadão e o insere na narrativa a partir do personagem central “Egildo Gomes”, pedreiro que representa o cidadão brasileiro; qualquer cidadão poderia estar na situação apresentada. Ressalta-se que essa matéria teve 9 minutos e 21 segundos sendo a maior dessa edição (superando a agenda dos candidatos e as pesquisas de intenção de votos em plena semana que antecede as eleições). Nessa matéria sobre saúde existe uma entrada de três cidadãos em formato “o povo fala” sem creditação. Na mesma matéria, ouve-se uma fonte falando no posto de saúde sem creditação. A delação do ex-ministro Antônio Palocci também informa ao cidadão, mas não o insere na narrativa e nem contextualiza o fato. Ressalta-se que essa matéria teve 8 minutos e 40 segundos sendo a segunda maior dessa edição (superando a agenda dos candidatos e as pesquisas de intenção de votos em plena semana que antecede as eleições). O novo Tratado de Livre Comércio dos EUA, México e Canadá e a morte de Charles Aznavour informam o cidadão, mas sem inseri-lo na narrativa.

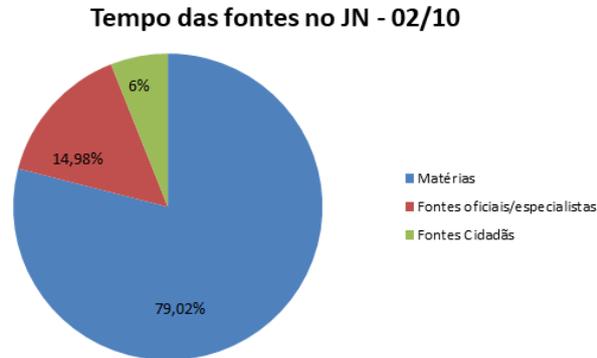
### **Edição de 02/10/2018**

Novamente, percebe-se que não são muitos os setores sociais representados; não há presença de cidadãos, exceto em duas matérias. As fontes que tem direito à voz, em sua maioria, são os especialistas. A temática foi diversificada, com enfoque especial nas eleições. Partidos políticos são mencionados diretamente nessa edição nas matérias referentes à intenção de votos ao cargo de presidente da república e na agenda dos candidatos. A presença do governo atual não é explicitada diretamente. Elementos regionais e presença de sotaque, que deveriam ser prezados no telejornalismo, não estão presentes.

Percebe-se que, de 33 minutos e 3 segundos, 6 minutos e 56 segundos são de entrevistas/dedicados às fontes. Desse tempo, 1 minuto e 59 segundos são destinados a fontes não oficiais/ não especialistas aqui tratadas como fontes cidadãos; e 4 minutos e

57 segundos são destinados a fontes especialistas/oficiais. O gráfico 2 abaixo demonstra as porcentagens de participação das fontes.

**Gráfico 2 – Tempo das fontes no JN – 02/10**



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Na matéria sobre os debates para o governo do estado surgem algumas fontes fora do eixo sudeste, porém são jornalistas considerados como fontes especialistas que não refletem a região de onde estão aguardando os debates; não há presença de sotaques nem elementos regionais nos mesmos. Na maioria dos casos a contextualização dos fatos não é dada. Na edição analisada, percebe-se um enquadramento pouco plural, o conteúdo apresentado parece ser feito para os que já entendem do assunto: os gráficos iniciais com relação à intenção de votos deveriam ser mais explicados para o cidadão comum, assim como ressaltado na análise da edição anterior. A agenda dos candidatos serve unicamente para demonstrar o que os mesmos fizeram; não há aprofundamento. Percebe-se o enquadramento da corrida de cavalos. Citam-se possíveis medidas que impactariam diretamente na vida do cidadão e essas medidas não são explicadas de forma alguma. É uma informação rasa que não serve para informar, de fato; como já ressaltado na edição anterior. A nota sobre a bolsa de valores de São Paulo apenas relata seu crescimento; não há explicação de por que cresceu, como cresceu, o que acarreta na vida do cidadão. A matéria sobre aposentados e pensionistas recebem depósitos a título de empréstimo direto na conta bancária sem nunca terem pedido dinheiro é informativa e completa, inserindo o cidadão na narrativa através dos personagens existentes. Ainda, informa como fazer se você for vítima. Nessa matéria existe a entrada de um cidadão sem creditação de profissão, apenas com o nome. A notícia sobre o Ministério Público Federal ter denunciado o agressor de Bolsonaro por crime contra a segurança nacional é pouco informativa e não insere o cidadão na narrativa. Sobre a Polícia Rodoviária do Tocantins ter apreendido 1 milhão e 200 mil reais em um táxi é necessário

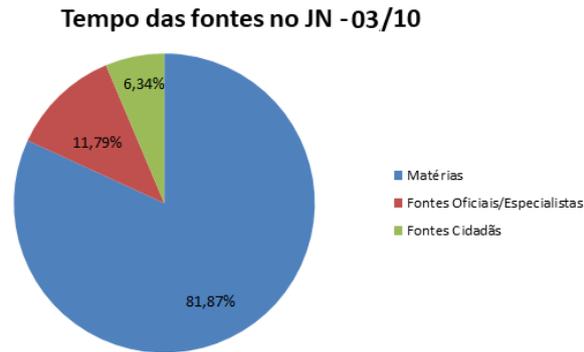
contextualizar o cidadão sobre o ocorrido. Os passageiros são ligados ao deputado estadual Olinto Neto? Qual a relação entre o dinheiro achado nesse momento e o apreendido com Olinto Neto? A matéria sobre emissoras da Rede Globo em 25 estados e no Distrito Federal promoverem debates entre os candidatos a governador é informativa, porém não insere o cidadão; era possível convidar o cidadão a assistir o debate, explicitar a importância do debate para a manutenção da democracia mas não o faz. Falta contextualização na matéria sobre o número de mortes na Indonésia ter subido para 1234 por conta do terremoto seguido de tsunami. A Matéria ressaltando os principais desejos dos brasileiros na série “O Brasil que eu quero” – enfoque educação demonstra aprofundamento; informa o cidadão e o insere na narrativa a partir do personagem central “Padre Bessa”, padre que criou iniciativas que auxiliam as crianças de uma área carente a aprender de forma dinâmica. O cidadão se vê inserido; qualquer um poderia ser o Padre Bessa. Ressalta-se que essa matéria teve 8 minutos e 13 segundos sendo a maior dessa edição (superando a agenda dos candidatos e as pesquisas de intenção de votos em plena semana que antecede as eleições).

### **Edição de 03/10/2018**

Percebe-se que alguns setores sociais são representados; há presença de cidadãos em três matérias. As fontes que tem direito à voz, em sua maioria, são os especialistas. A temática foi diversificada e, diferentemente das edições anteriores, não houve enfoque nas eleições. Partidos políticos são mencionados diretamente nessa edição nas matérias referentes à intenção de votos ao cargo de presidente da república e na agenda dos candidatos. A presença do governo atual não é explicitada diretamente. Elementos regionais e presença de sotaque, que deveriam ser prezados no telejornalismo, não estão presentes. Na matéria sobre o saneamento básico surgem algumas fontes fora do eixo sudeste, porém são poucas e com falas pequenas; não há presença de sotaques nem elementos regionais nos mesmos. Na maioria dos casos a contextualização dos fatos não é dada.

Percebe-se que, de 26 minutos, 4 minutos e 43 segundos são de entrevistas/dedicados às fontes. Desse tempo, 1 minuto e 39 segundos são destinados a fontes não oficiais/ não especialistas aqui tratadas como fontes cidadãs; e 3 minutos e 04 segundos são destinados a fontes especialistas/oficiais. O gráfico 3 abaixo demonstra as porcentagens de participação das fontes.

### Gráfico 3 – Tempo das fontes no JN – 03/10



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Na edição analisada, percebe-se um enquadramento pouco plural, o conteúdo apresentado parece ser feito para os que já entendem minimamente dos assuntos tratados. A agenda dos candidatos serve unicamente para demonstrar o que os mesmos fizeram; não há aprofundamento. Percebe-se o enquadramento da corrida de cavalos. Citam-se possíveis medidas que impactariam diretamente na vida do cidadão e essas medidas não são explicadas de forma alguma. É uma informação rasa que não serve para informar, de fato; como já ressaltado nas edições anteriores. Na matéria Globo e afiliadas realizaram em 25 estados e no Distrito Federal os últimos debates entre candidatos a governador antes das eleições de domingo o conteúdo é informativo; resalta-se que é uma continuação de uma matéria da edição anterior. O cidadão foi informado e se viu inserido na narrativa que contou com a participação de três fontes cidadãs. Além disso, o cidadão é convidado a agir e se posicionar a decidir o seu voto pelo melhor candidato entre os que participaram do debate; ressaltando a importância do debate para a escolha consciente. Tudo isso faltou na edição anterior. A matéria sobre três cientistas que vão dividir o Nobel de química é apenas informativa. Papa dá início ao encontro de 270 bispos do mundo todo que durará quase um mês resalta a importância para os católicos de maior democracia na Igreja, inserindo os cidadãos. Na matéria sobre a Justiça Federal em São Paulo ter aceitado denúncia contra 14 pessoas falta contextualização e explicações sobre a questão do rodoanel para o cidadão comum; muitas pessoas não sabem o que é onde se localiza o rodoanel. Na matéria Justiça de Minas Gerais homologou um acordo para o pagamento de indenização a uma parte dos atingidos pelo rompimento da barragem da Samarco percebe-se uma importante contextualização que permite ao cidadão se inserir na narrativa. Explicitam acordos, informam a localidade e instrui os cidadãos que o valor individual de indenização será

---

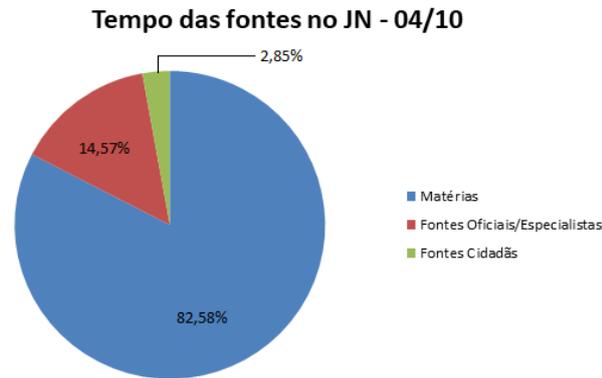
informado a partir de um cadastro que as famílias devem realizar e, ainda, informam que o pagamento se dará em até um ano. A matéria ressaltando os principais desejos dos brasileiros na série “O Brasil que eu quero” – enfoque saneamento básico demonstra aprofundamento; informa o cidadão e o insere na narrativa a partir do personagem central “Sefraim Santos”. O cidadão se vê inserido; qualquer um poderia ser o personagem que deseja melhores condições de saneamento básico para sua região. Ressalta-se que essa matéria teve 9 minutos e 11 segundos sendo a maior dessa edição (superando a agenda dos candidatos em plena semana que antecede as eleições).

### **Edição de 04/10/2018**

Percebe-se que não são muitos os setores sociais representados; não há presença de cidadãos, exceto em duas matérias. As fontes que tem direito à voz, em sua maioria, são os especialistas. A temática foi diversificada, com enfoque especial nas eleições. Partidos políticos são mencionados diretamente nessa edição nas matérias referentes à intenção de votos ao cargo de presidente da república e na agenda dos candidatos. A presença do governo atual não é explicitada diretamente. Elementos regionais e presença de sotaque, que deveriam ser prezados no telejornalismo, não estão presentes. Na maioria dos casos a contextualização dos fatos não é dada. Na edição analisada, percebe-se um enquadramento pouco plural, o conteúdo apresentado parece ser feito para os que já entendem do assunto: os gráficos iniciais com relação à intenção de votos deveriam ser mais explicados para o cidadão comum, assim como ressaltado nas análises das edições anteriores; sendo esse um problema recorrente. A agenda dos candidatos serve unicamente para demonstrar o que os mesmos fizeram; não há aprofundamento. Percebe-se o enquadramento da corrida de cavalos. Citam-se possíveis medidas que impactariam diretamente na vida do cidadão e essas medidas não são explicadas de forma alguma. É uma informação rasa que não serve para informar, de fato; como já ressaltado nas edições anteriores.

Percebe-se que, de 31 minutos, 5 minutos e 24 segundos são de entrevistas/dedicados às fontes. Desse tempo, 53 segundos são destinados a fontes não oficiais/ não especialistas aqui tratadas como fontes cidadãs; e 4 minutos e 31 segundos são destinados a fontes especialistas/oficiais. O gráfico 4 abaixo demonstra as porcentagens de participação das fontes.

**Gráfico 4 – Tempo das fontes no JN – 04/10**



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

As matérias sobre o STF comemorar os 30 anos da Constituição, a justiça transformar em réu o agressor de Bolsonaro e MPF ter pedido a condenação do ex-presidente Lula são pouco informativas, não trazendo a contextualização do fato; além disso, possuem jargões próprios do campo do direito que dificultam o entendimento do telespectador. A Matéria ressaltando os principais desejos dos brasileiros na série “O Brasil que eu quero” – enfoque corrupção demonstra aprofundamento; informa o cidadão e o insere na narrativa a partir dos personagens centrais “Claudete” e “Altino”, costureira que resolveu reclamar sobre uma ponte provisória construída a 30 anos numa cidade isolada e o personagem que resolveu fiscalizar o dinheiro público, respectivamente. O cidadão se vê inserido; qualquer um poderia ser os personagens da narrativa. Ressalta-se que essa matéria teve 8 minutos e 46 segundos sendo a maior dessa edição (superando a agenda dos candidatos e as pesquisas de intenção de votos em plena semana que antecede as eleições). O problema principal é a falta de creditação dos personagens, é possível descobrir a profissão de Claudete na narração da notícia, mas não é possível saber a ocupação de Altino. A matéria sobre o último debate entre candidatos à presidência é informativa e convida o cidadão para a inserção ao incentivar que o mesmo assista ao debate para participar das eleições escolhendo a melhor opção de governo. Porém, duas entradas em estilo “o povo fala” acontecem em que não se dá a creditação de nenhum dos participantes.

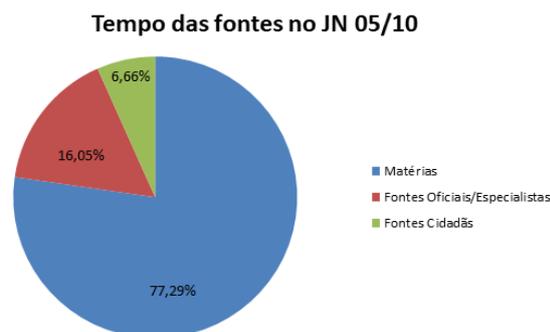
### **Edição de 05/10/2018**

Percebe-se que não são muitos os setores sociais representados; há presença de cidadãos em três matérias, porém, em uma delas (sete aldeias do Mato Grosso vão ter seções eleitorais pela primeira vez) o indígena, que é o personagem da matéria, não é

creditado. As fontes que tem direito à voz, em sua maioria, são os especialistas. A temática foi diversificada, com enfoque especial nas eleições e temas políticos. Partidos políticos são mencionados diretamente nessa edição na matéria referentes à agenda dos candidatos. A presença do governo atual não é explicitada diretamente. Elementos regionais e presença de sotaque, que deveriam ser prezados no telejornalismo, estão presentes em uma matéria que ressalta o respeito pleno à diversidade e à cidadania. Na maioria dos casos a contextualização dos fatos não é dada.

Percebe-se que, de 37 minutos e 30 segundos, 8 minutos e 31 segundos são de entrevistas/dedicados às fontes. Desse tempo, 2 minutos e 30 segundos são destinados a fontes não oficiais/ não especialistas aqui tratadas como fontes cidadãs; e 6 minutos e 01 segundo são destinados a fontes especialistas/oficiais. O gráfico 5 abaixo demonstra as porcentagens de participação das fontes.

**Gráfico 5 – Tempo das fontes no JN – 05/10**



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Na edição analisada, percebe-se um enquadramento pouco plural, o conteúdo apresentado parece ser feito para os que já entendem do assunto; exceto na matéria sobre a Pesquisa Datafolha, em que os gráficos são explicados e o contexto da pesquisa é explicitado aos telespectadores. A agenda dos candidatos serve unicamente para demonstrar o que os mesmos fizeram; não há aprofundamento. Percebe-se o enquadramento da corrida de cavalos. Citam-se possíveis medidas que impactariam diretamente na vida do cidadão e essas medidas não são explicadas de forma alguma. É uma informação rasa que não serve para informar, de fato; como já ressaltado nas edições anteriores. Na matéria sobre a Justiça eleitoral enviando urnas para o país, percebe-se que existe a inserção do cidadão; ele é ensinado e convidado a votar. A matéria sobre os Jogos Olímpicos da Juventude em Buenos Aires ressalta a importância da igualdade de gênero: pela primeira vez o mesmo número de homens e mulheres

estarão competindo. As matérias, em sua maioria, são de cunho informativo não convidando o telespectador para a ação. A Matéria ressaltando os principais desejos dos brasileiros na série “O Brasil que eu quero” – enfoque no respeito pleno à diversidade e à cidadania demonstra aprofundamento; informa o cidadão e o insere na narrativa a partir dos personagens centrais “Jhonatan” e “Patrick”; Jhonatan é publicitário e negro e ressalta a necessidade do respeito à etnia, Patrick é professor e ressalta a necessidade do respeito às orientações sexuais. O cidadão se vê inserido; qualquer um poderia ser os personagens da narrativa. Há a apresentação de vários sotaques diferentes nessa matéria. Ressalta-se que essa matéria teve 8 minutos e 58 segundos sendo a maior dessa edição (superando a agenda dos candidatos em plena semana que antecede as eleições). Na matéria da pesquisa Datafolha percebe-se a falta de creditação à fontes e ao “povo fala”.

### **Considerações Finais**

O Jornal Nacional tem edições que não possuem uma fonte cidadã, o que torna difícil uma inserção do telespectador na narrativa. Não são muitos os setores sociais representados. Elementos regionais e presença de sotaque, que deveriam ser prezados no telejornalismo, não estão presentes. Na maior parte das edições analisadas, a contextualização dos fatos não é dada. Percebe-se um maior aprofundamento da temática das eleições nos dois sábados analisados, o que permite ao eleitor ser informado e dar seu voto consciente.

Ao se colocar como mediador dos fatos, como pontua Coutinho (2009), os apresentadores (e o próprio programa) colocam suas lentes centradas em fatos decisivos que podem afetar diretamente o resultado de uma eleição. Ao focar em questões que movimentaram o debate eleitoral em 2018, como a delação do ex-ministro Antônio Palocci e denúncias de corrupção, o Jornal Nacional tende a moldar as mentes dos eleitores indecisos às vésperas do 1º turno.

Do ponto de vista de conteúdo, fica evidente que a lente do Jornal Nacional trouxe muito mais informações do Sudeste, sem sotaques ou outros marcadores nacionais, do que de outras regiões do Brasil. A ideia de um telejornal que consiga exibir todas as regiões brasileiras não é utópica. Basta que o *gatekeeping* faça escolhas mais diversas, não delegando a apenas um quadro esse papel de diversidade.

Este artigo discutiu apenas uma pequena parte de um problema muito maior, que é a falta de pluralidade de Brasil na TV brasileira. O Brasil é muito maior que Rio e São

---

Paulo e merece o devido cuidado (e atenção) de seu telejornalismo (não apenas o produzido pela Globo, ressalte-se). Espera-se que este trabalho possa ajudar outros pesquisadores em artigos futuros sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade**: um conceito em construção. Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.

COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade**: A análise da materialidade audiovisual como método possível. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em 12 set. 2020.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo como serviço público no Brasil: reflexões sobre o exercício do direito à comunicação no Jornal Nacional/TV Globo. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. **40 anos de Telejornalismo em Rede Nacional**: olhares críticos. Editora Insular. 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PAS – Pesquisa Anual de Serviços, 2016**. [online] Disponível em <https://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/8311-televisao.html>.

MEMÓRIA GLOBO. **Debate Collor x Lula**. [online] Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm>. Acesso em 28 set. 2020.

MEMÓRIA GLOBO. **História da TV Globo**. [online] Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em 29 set. 2020.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional – História**. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/o-primeiro-dia.htm>. Acesso em 10 ago. 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia**. [Online] Disponível em <http://pesquisademidia.gov.br>. Acesso em 10 jan. 2020.

REDE GLOBO. **A Globo no Brasil**. [online] Disponível em [http://redeglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/SiteFolder/tvg/g\\_globo\\_brasil/0,,0,00.html](http://redeglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/SiteFolder/tvg/g_globo_brasil/0,,0,00.html)>. Acesso em 29 set. 2020.

ROTHBERG, Danilo. **Enquadramento e metodologia de crítica de mídia**. Disponível em [http://sbpjour.org.br/admjour/arquivos/coordenada\\_5\\_.danilo\\_rothberg.pdf](http://sbpjour.org.br/admjour/arquivos/coordenada_5_.danilo_rothberg.pdf). Acesso em 02 de nov. de 2020.